

Colóquio Internacional de Filosofia Medieval



Camille Flammarion, *L'Atmosphère: Météorologie Populaire* (Paris, 1888)

Pensar a natureza (séculos XI-XV)

PROGRAMA E RESUMOS

17 e 18 de Junho de 2010

Sala de Reuniões

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O Colóquio internacional de Filosofia Medieval “**Pensar a natureza (séculos XI-XV)**” tem como objectivos principais: (1) a discussão de investigações recentes sobre os diferentes aspectos da natureza (metafísica, física, psicológica, biológica); (2) promover a ligação entre investigações individuais e projectos nacionais ou internacionais actualmente existentes sobre o tema e a época em estudo e (3) planificar e organizar trabalho futuro, no âmbito do projecto “Filosofia Escolástica Ibérica, nas encruzilhadas da razão Ocidental”, do Gabinete de Filosofia Medieval (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto).

(comunicações de 40-45 minutos, 10-15 minutos de diálogo)

Pensar a natureza (séculos XI-XV). Colóquio internacional de Filosofia Medieval

17 e 18 de Junho de 2010
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

Organização

Manuel Lázaro Pulido (coordenação científica e da organização); José Meirinhos.
Secretariado: Patrícia Calvário, Patrícia Teixeira, Eva Raposo (GFM); Isabel Marques (IF).

Gabinete de Filosofia Medieval do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto

Apoios

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Universidade do Porto
Instituto de Filosofia – FLUP
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Gabinete de Filosofia Medieval

gfm-secretariado@letras.up.pt
<http://web2.letras.up.pt/ifilosofia/gfm>

Instituto de Filosofia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto
Tel.: 22 607 71 80
E-mail: ifilosofia2@letras.up.pt
<http://web2.letras.up.pt/ifilosofia>

PROGRAMA

17 Junho 2010 | QUINTA-FEIRA

10h30 | **Abertura dos trabalhos**

Prof.^a Doutora Maria de Fátima Marinho (Directora da Faculdade de Letras)
Prof. Doutor José Meirinhos (Presidente do Instituto de Filosofia)
Dr. Manuel Lázaro Pulido (Coordenador Científico do Colóquio)

11h00 — 13h00

Moderador: Pedro Mantas

Rafael Ramón Guerrero (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)

“El pensamiento árabe sobre la naturaleza: Avicena y Averroes”

Vera Rodrigues (Investigadora Pós-Doc. do GFM/FLUP, Portugal)

“*Natura*, natureza, verdade na primeira metade do século XII”

13h00 | **Almoço**

15h00 — 17h00

Moderador: Luís Alberto De Boni

Pedro Mantas (Universidad de Córdoba, Espanha)

“El conocimiento de la naturaleza en Adelardo de Bath”

Henryk Anzulewicz (Albertus-Magnus-Institut, Alemanha)

“Anthropologische und epistemologische Aspekte im Naturverständnis des Albertus Magnus” [Aspectos antropológicos e epistemológicos na concepção de natureza em Alberto Magno: **distribuição de tradução em português**]

17h00 – 17h30 **Intervalo**

17h30 — 18h30

Moderador: Andrea A. Robiglio

Christian Trottmann (Université de Tours, França)

“Roger Bacon, de la Sagesse morale ou théologique aux Sciences de la nature et retour”

18 Junho 2010 | SEXTA-FEIRA

09h30 — 11h30

Moderador: Paula Oliveira e Silva

Luís Alberto De Boni (Pontifícia Univ. Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil)

“Variações no pensamento franciscano sobre a natureza em Boaventura e Escoto”

Manuel Lázaro Pulido (Instituto de Filosofia, FLUP, Portugal)

“La cosmología en Boaventura de Bagnoregio”

11h30 - 12h00 **Intervalo**

12h00 — 13h00

Moderador: Vera Rodrigues

Andrea A. Robiglio (Rijksuniversiteit Groningen, Holanda)

“Naturaleza y vida en Tomás de Aquino. Notas sobre el ambiente de una antropología teológica”

13h00 | **Almoço**

15h00 — 17h00

Moderador: Christian Trottmann

Lídia Queiroz (Investigadora do GFM/FLUP, Portugal)

"Thomas Bradwardine e a refutação do atomismo"

Ann Giletti (Adjunct Professor - American University of Rome, Itália)

"The Journey of an Idea: Maimonides, Albertus Magnus, Thomas Aquinas and Ramon Martí against the Eternity of the World"

17h00 | Encerramento

Manuel Lázaro Pulido (Coordenador Científico do Colóquio)

José Meirinhos (Presidente do Instituto de Filosofia)

17h30 | Porto de honra

RESUMOS E AUTORES

ANZULEWICZ, HENRYK	6
DE BONI, LUÍS ALBERTO	7
GILETTI, ANN	9
LÁZARO PULIDO, MANUEL	9
MANTAS, PEDRO	10
QUEIROZ, LÍDIA	12
RAMÓN GUERRERO, RAFAEL	12
ROBIGLIO, ANDREA A.	14
RODRIGUES, VERA	15
TROTTMANN, CHRISTIAN	15

ANZULEWICZ, HENRYK

Some Aspects of Nature in Albertus Magnus' Anthropology and Epistemology

In seinen Frühschriften *De natura boni* und *De bono* bedient sich der Doctor universalis eines Naturbegriffs, der theologisch besetzt ist. Die Natur fasst er dort als die Schöpfungswirklichkeit selbst und die Ordnung auf, welche die inneren und die äußeren Bezüge der Seinswirklichkeit konstituiert. Die anthropologische Instanzierung des Naturbegriffs erblickt er zunächst in der ursprünglichen Gutheit des Menschen, die sich durch ethische Tugenden realisiert. Im Rückgriff auf die trinitarische Spekulation des Augustinus (*De nat. boni*, *De div. quaest.* 83), die neuplatonische Tradition des Boethius (*De cons. philos.*) und des Ps.-Dionysius (*De cael. hier.*) einerseits und andererseits des Aristoteles (*Physik*, *De caelo*) vereint er in seinem Naturverständnis die Wesenheit der Dinge (*essentia*, *species*, *quid est res*) und das Prinzip der Bewegung, des Ruhens und des Tätigseins von allem.

In *De IV coaequaevis* (*Summa de creaturis*, pars I) gibt Albert zu erkennen, welche Prinzipien seinem anthropologischen Naturbegriff zugrundeliegen und was dieser beinhaltet. Die Natur des Menschen werde durch drei Prinzipien konstituiert: Körper, Seele und die Verbindung von diesen beiden (*coniunctum*). Mensch als Mensch sei *nur* Vernunftnatur (*homo enim in eo quod est homo tantum est rationalis naturae*). Diese Auffassung verdichtete er zur Formel 'Mensch als Mensch ist *nur* Intellekt' (*homo in quantum homo est solus intellectus*) und damit zu einem radikal intellektualistischen Verständnis der menschlichen Natur. In der anthropologischen Schrift *De homine* (*Summa de creaturis*, pars II) behandelt er jene drei Prinzipien, welche die Natur des Menschen konstituieren, ferner die natürlichen Wohnräume des Menschen in einer Synthese von theologischen und philosophischen Zugängen. Die philosophische Sicht auf den Menschen ist im Wesentlichen an der aristotelischen Psychophysiologie und Intellektlehre (*De anima*, *Parva naturalia*, *De animalibus*) sowie der arabischen Interpretationen und Fortführungen (u.a. Alkindi, Johannicius, Costa ben Luca, Avicenna, Algazel, Averroes) orientiert.

Alberts Interesse an der Erforschung der Natur und die für ihn eigentümliche Verbindung neuplatonischer und aristotelischer Elemente in seiner Naturauffassung, welche sich in der von ihm geprägten Formel 'Das Naturgeschehen ist das Werk der Intelligenz' (*opus naturae est opus intelligentiae*) niederschlug, zeigen sich in allen seiner zahlreichen Schriften zur Naturphilosophie

und Naturkunde wie auch im theologischen Werk. In unserem Beitrag soll das Naturverständnis und das Naturdenken des Doctor universalis im Kontext der Anthropologie an einigen Fragen wie die Auffassung des Menschen und der menschlichen Seele sowie die Rolle der Natur in der Epistemologie beleuchtet werden.

Henryk Anzulewicz (1955 - Dabrowka, Polónia) tem estudos de Filosofia e Teologia (1974-1981) na Universidad Católica de Lublin e Varsóvia (Polónia). Foi colaborador científico no Thomas-Institut Dominicano de Varsóvia (1979-1981). Graduação (1999) na Rheinischen Friedrich-Wilhelms Universität de Bonn (Alemanha) com um estudo sobre a obra de juventude de Alberto Magno. Desde 1983 é editor e investigador no Albertus-Magnus-Institut en Bonn.

Professor Visitante (Visiting Scholar) em: Akademie Ved České Republiky, Praga, Checoslovaquia (1999); St. Kliment Ochridski University, Sofia, Bulgária (2003); Stanford University, Stanford, Estados Unidos (2006 e 2009); e Pontificia Universidad Católica de Chile (2007).

É membro da equipa de investigação que se ocupa da Edição Crítica dos *Opera omnia* de Alberto Magno, sendo responsável pela edição dos volumes: Albertus Magnus, *Quaestiones* (Alberti Magni Opera Omnia XXV/2), Münster 1993 (em colab. com A. Fries e W. Kübel); Albertus Magnus, *De homine* (Alberti Magni Opera Omnia XXVII/2), Münster 2008 (em colab. com J.R. Söder).

É autor da obra *De forma resultante in speculo des Albertus Magnus. Die theo-logische Relevanz des Bildbegriffs und des Spiegelbildmodells in den Frühwerken des Albertus Magnus* (Beiträge zur Ge-schichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, N.F. 53/I-II), Münster 1999. Enre outras, traduziu: Albert der Große, *De quindecim problematibus/Über die fünfzehn Streitfragen*. Lateinisch-Deutsch. Nach dem Text der Editio Coloniensis herausgegeben von H. Anzulewicz und N. Winkler. Übersetzt von H. Anzulewicz, eingeleitet und kommentiert von N. Winkler (Herders Bibliothek der Philosophie des Mittelalters 23), Freiburg, Basel, Wien 2010.

DE BONI, LUÍS ALBERTO

Variações no pensamento franciscano sobre a natureza em Boaventura e Escoto

A assim chamada Escola Franciscana – ao contrário da Dominicana que se cristaliza em Tomás de Aquino, declarado doutor oficial da ordem – não teve um mestre tomado como parâmetro oficial e, também e principalmente por isso, conheceu um desenvolvimento que durou quase um século, desde o ingresso de Alexandre de Hales na ordem (1236) até o encerramento das atividades acadêmicas de Ockham (1324). Percorrendo a obra desses frades, percebe-se que o espírito de Francisco de Assis os une, mas também lhes confere liberdade para um diálogo fecundo entre si. Sobre alguns temas, constatam-se rupturas como no caso da relação entre iluminação divina e conhecimento humano; noutros, há convergência, como quando tratam da Teologia como ciência prática.

No presente texto procuro fazer uma comparação entre a concepção de Boaventura e a de Duns Scotus no que se refere ao conceito de *natureza* e de *lei natural*. Tanto num como noutro autor a palavra *natureza* é utilizada em diversos sentidos e examiná-los todos eles iria muito além de uma comunicação. Além disso, não se pode dizer que haja uma oposição sistemática entre os dois autores. Aliás, Boaventura não é o medieval com o qual Scotus mais debate, cabendo este posto a Tomás de Aquino, Egídio Romano, Henrique de Gand, Godofredo de Fontaines e Egídio Romano.

Os dois autores possuem uma referência comum, que é a definição do Concílio de Calcedônia, afirmando que em Cristo há uma pessoa e duas naturezas, mas mesmo aqui há, entre eles, interpretações divergentes. Boaventura foi capaz de unir, com maestria, duas tradições a aristotélica e a agostiniana, o que lhe permite, sem contradizer Calcedônia, afirmar que em Cristo há uma pessoa e três naturezas (a divina, a corpórea e a da alma). De sua parte, percorrendo caminhos não trilhados por seu antecessor, Scotus trata da *natureza comum*, enquanto entidade capaz de tornar-se tanto particular como individual, mas em si mesma indiferente a esses dois modos. Enfim, eles, ao se voltarem para a Filosofia Prática, por terem concepções diferentes do que vem a ser *natureza* e *lei natural*, chegam a conclusões que visivelmente se afastam entre si: Boaventura toma a lei natural como muito abrangente na determinação do agir humano; Scotus, restringindo-a às proposições por si evidentes, abre um amplo espaço bem mais amplo para a vontade do legislador.

Luís Alberto de Boni (1940 - Bom Jesus/Rio Grande do Sul, Brasil) estudou Filosofia na Universidade de Ijuí/RS (1958-1961) e Teologia na Escola Superior de Teologia do Freis Capuchinhos, em Porto Alegre (1962-1967).

É Doutor em Teologia em Münster/ Alemanha, tendo como orientador Johann Baptist Metz (1969-1974) e possui ainda um pós-doutoramento na área de Filosofia Medieval em Köln (1981 e 2001), em Bonn (1993 e 1997) e no Porto (2007).

Lecionou-se na Universidade de Caxias do Sul (1975-1985), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) (1978-1992), onde foi Chefe de Departamento e Diretor da Faculdade na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (1993-2009), tendo sido ainda Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Filosofia. Atualmente é Professor-visitante do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto.

Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval (1994-1999) e da Associação Brasileira de Estudos Medievais (2001-2005)

Entre suas publicações podemos encontrar: *Catolicismo no Brasil – Início do Fim?* (1979); *De Abelardo a Lutero* (2003); *Filosofia Medieval – textos* (1999, 2005); *A entrada de Aristóteles no Ocidente* (no prelo).

As suas mais relevantes traduções são: *Tomás de Aquino - Suma Teológica* (revisão de antiga tradução), bilíngue, 11 vol. (1980-1982); *São Boaventura – Obras escolhidas*, bilíngue (1983). Nova edição, em português: *Boaventura de Bagnoregio – Escritos filosófico-teológicos* (1999); *Guilherme de Ockham –*

Brevilóquio sobre o Principado tirânico (1988); *Egídio Romano – Sobre o Poder Eclesiástico* (1989); *João Quidort – Sobre o poder régio e papal* (1989); *Escritos seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino* (co-tradutor, 2000); *Pedro de João Olivi – Tratados económicos* (em preparação).

GILETTI, ANN

Maimonides, Albertus Magnus, Thomas Aquinas and Raimon Martí against the Eternity of the World

This paper is the account of an idea which travelled from Maimonides in Cordova to Albertus Magnus and Thomas Aquinas in Paris and Cologne, only to return to the Iberian peninsula, to Barcelona and the pen of their fellow Dominican, Ramon Martí (c. 1220-c. 1284/5). The story emerges from analysis of their treatment of Aristotle's theory of the Eternity of the World and their artful handling of a powerful rebuttal in defence of Creation. It sheds light on an otherwise oddly constructed chapter in Martí's *Pugio fidei*, which is rich in Latin translations of quotations from Arabic sources, and it gives us a glimpse into communication about Aristotelian natural philosophy involving Scholastic writers in the Christian (Latin) kingdoms of Iberia.

Ann Giletti (Estados Unidos) fez o seu BA na Columbia University, New York, o seu MA na University College London e o seu PhD no The Warburg Institute, London, com o Prof. Charles Burnett e com o Prof. Jill Kraye. A sua tese de doutoramento versou sobre a recepção da filosofia aristotélica nos reinos cristãos na Península Ibérica durante o século XIII e principio do século XIV, e trata do problema do conflito entre razão e fé, com especial atenção à teoria da eternidade do mundo em Aristóteles e a teoria de Averrois acerca da Unidade do Intelecto. Actualmente ensina em Roma, e está a investigar a questão da heresia em relação com a filosofia

LÁZARO PULIDO, MANUEL

A cosmologia em Boaventura da Bagnoregio

Buenaventura no realizó ningún traballo específico de estudos sobre a natureza ni ningún comentario a la obra aristotélica. Al hablar de la cosmología en Buenaventura hemos de tener en cuenta sus premisas vitales. Buenaventura es un teólogo y un franciscano, esas dos circunstancias no impiden que haga una reflexión sobre el cosmos, pero siempre desde las posiciones teológicas tradicionales y desde una lectura franciscana del mismo. Buenaventura realiza una triple

profundización del cosmos que es expresión de su propia forma de entender la naturaleza. Las dos primeras provienen de la formación propia del maestro en teología. La primera, la más “científico-filosófica” se trata de una cosmología derivada de la formación recibida dentro del plan de formación del *quadrivium* (como físico) y como metafísico que sirve de marco de explicación de la teología de la creación. La segunda, unida a esta, describe su significado teológico dentro de la teología de la creación. La tercera es más franciscano y envuelve una profundización ontológico-simbólica, una hermenéutica en la que el hombre puede completar *in patria* lo que con esfuerzo ha especulado *in via*.

Manuel Lázaro Pulido (1970 – Barcelona, Espanha) é Doutor em Filosofia pela Universidad Pontificia de Salamanca, realizou estudos de filosofia no Institut Catholique de Paris, la École Pratique des Hautes Etudes, Section V, “Sciences Religieuses” e obteve o DEA na Université de Paris 1 (Pantheon-Sorbonne). Tem efectuado estudos teológicos no Seminário diocesano de Cáceres, no Centro de Estudios Teológicos de Sevilla (Facultad de Teología de Granada), no Institut Catholique de Paris, e no Instituto Teológico franciscano de Murcia (Universidad Pontificia *Antoniana* de Roma).

Foi professor na Universidad Internacional FLACSO (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales), sede de Equador e na Pontificia Universidad Católica del Ecuador (1997-1998). De 1999 até 2009 foi professor estável da Área de Filosofia do Instituto Superior de Ciências Religiosas de Mérida-Badajoz “Santa María de Guadalupe” (Vinculado à Universidad Pontificia de Salamanca), e director do mesmo no período 2008-2009. Foi também professor ordinário da Área de Filosofia do Instituto Teológico de Cáceres (Afiliado à Universidad Pontificia de Salamanca). E no ano 2008-2009 foi profesor da Escuela Superior de Estudios Franciscanos de la Provincia Ibérica de la Orden Franciscana Capuchina. Actualmente é Investigador Auxiliar (Programa C-2008 de FCT) no Instituto de Filosofia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Colabora com diversas revistas de pensamento medieval e franciscano. Entre as suas publicações podemos assinalar: *La creación en Buenaventura. Acercamiento filosófico a la metafísica expresiva del ser finito* (Grottaferrata - Roma, 2005).

MANTAS ESPAÑA, PEDRO

El conocimiento de la naturaleza en Adelardo de Bath

Cada vez que he tratado de sintetizar lo que Adelardo de Bath representa en el contexto de la filosofía de la naturaleza a lo largo del siglo XII, he creído necesario tener que aclarar previamente el sentido de la expresión “filosofía de la naturaleza”: ¿qué es, o qué significa *naturaleza* en la obra de Adelardo de Bath?

A lo largo de nuestra exposición trataré de aclarar, antes de nada, el significado que el concepto de *naturaleza* adquiere en Adelardo, contextualizándolo en el ámbito de lo que hoy

denominamos “la física antes de la *Física*”: esto nos llevará a indagar el sentido de la *filosofía natural* en los dos siglos precedentes y plantearnos el carácter distintivo del doce en relación con los maestros del período anterior.

La originalidad, las *novedades* que el siglo doce aporta en el ámbito de la reflexión sobre la naturaleza se transmiten a través de una “nueva actitud intelectual”. Una actitud implicada, básicamente, en dos tipos de hechos: por un lado, en el llamado *resurgimiento* o *descubrimiento* de la naturaleza expresado por medio del nuevo sentido que adquieren algunos repertorios de *cuestiones naturales*; pero, también, a través de la labor de intercambio y colaboración que los viajes, las traducciones y la docencia proporcionaron a la labor intelectual de maestros como Adelardo de Bath.

Every time I have tried to summarize what Adelard of Bath represents in the realm of 12th C. natural philosophy, I have considered as previously necessary to make clear which is, in fact, the notion of “philosophy of nature” we are using: what it is and what does it mean *nature* in Adelard of Bath?

First it all, in my dissertation I will try to make clear the meaning of the concept of *nature* developed in Adelard’s *Quaestiones Naturales*, as a part of what we actually call a “physics before *Physics*”: this will lead and help us to investigate onto this subject matter in the previous age to Adelard’s 12th C., and to ask about some of the distinctive aspects from 12th C. in relation with some masters from the earlier period.

In the content of the thought on nature, the originality, the innovations brought by the time of Adelard can be discovered through “a new intellectual attitude”. An attitude involved mainly within two kinds of facts: on one hand, via the so called renaissance or rediscovering of nature articulated by the new meaning that we discover in several set of natural questions; but also through the effort of exchange and collaboration that the journeys, translations and lecturing made available in the intellectual work of some masters like Adelard of Bath.

Pedro Mantas España (1960 - Córdoba, Espanha) é licenciado em Filosofia pela Universidad Pontificia de Comillas (1985). Desenvolveu o projecto da tese de doutoramento em The Warburg Institute (University of London) com orientação do professor Charles Burnett. Doctor em Filosofia pela Universidad Autónoma de Madrid (1994), com uma tese intitulada “*De eodem et diverso*” de Adelardo de Bath: la búsqueda de una ‘*síntesis*’ en el Renacimiento del siglo XII.

É professor no Departamento de Ciencias Sociales y Humanidades (Área de Filosofía) de la Universidad de Córdoba. Os interesses académicos e de investigação centram-se na História da Filosofia e Hermenêutica, especialmente no século XII e em Adelardo de Bath, sobretudo no processo de intercâmbio intelectual que

se produz neste período da Idade Média. Na actualidade desenvolve um projecto de investigação sobre as *Questões Naturais* de Adelardo de Bath (estudo preliminar e tradução para Espanhol), trabalho realizado em colaboração com os professores Charles Burnett (University of London) e José Luís Cantón (Universidad de Córdoba).

QUEIROZ, LÍDIA

Thomas Bradwardine e a refutação do atomismo

Com esta comunicação, pretendemos promover o conhecimento directo da trama dedutiva de um tratado medieval intitulado 'De continuo', do filósofo inglês Tomás Bradwardine, da Universidade de Oxford. Este tratado foi considerado como sendo talvez a obra mais brilhante do conjunto de todas aquelas que representam as polémicas discussões em torno da possibilidade de uma estrutura indivisibilista dos contínuos matemáticos e físicos, na primeira metade do século XIV. Adoptando a estrutura dos Elementos de Euclides e muitas das suas proposições, Tomás Bradwardine pretende erigir uma refutação definitiva de todas as teorias atomísticas ideadas desde a Antiguidade, libertando a doutrina divisibilista de tradição aristotélico-escolástica de discussões.

Lídia Queiroz (1974, Paredes, Portugal) é licenciada e doutorada em Filosofia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Enquanto bolseira de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, frequentou e concluiu o “Diploma Europeu de Estudos Medievais” em Roma (curso da FIDEM), tendo posteriormente prosseguido com o seu projecto de doutoramento no Center for the History of Philosophy and Science, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Nijmegen (Holanda). Actualmente é investigadora integrada do Instituto de Filosofia da FLUP e docente no Ensino Superior e Secundário.

RAMÓN GUERRERO, RAFAEL

El pensamiento árabe sobre la naturaleza: Avicena y Averroes

Conocida en el Occidente latino durante la segunda mitad del siglo XII, la filosofía de la naturaleza de Aristóteles suponía una novedad respecto a las explicaciones del universo anteriores, basadas en las Escrituras y en la lectura del *Timeo* de Platón y en el comentario de Calcidio al *Timeo*. Junto con Aristóteles, la filosofía árabe interesó porque explicaba algunas de las

dificultades del texto del filósofo griego. Los latinos medievales se volvieron hacia las *Físicas* de Avicena primero y de Averroes (sus comentarios a la *Física* de Aristóteles) después para tratar de comprender con ellos el naturalismo del filósofo griego.

En efecto, los filósofos árabes pensaron la realidad en términos científico-naturales. Se proponían ofrecer una reflexión sobre el universo, su ordenación y su estructura, que diera cumplida explicación científica de todo cuanto acontece de manera natural. Es cierto que su lenguaje no se vio libre de utilizar términos y conceptos religiosos, teológicos e, incluso, místicos, pero era algo inevitable, al vivir en una comunidad religiosa. Así, frente al concepto teológico-místico de la naturaleza y su carácter simbólico, establecido por los Padres de la Iglesia, que predominó en el mundo cristiano hasta mediados del siglo XII, los árabes, inspirados por las obras de los filósofos y científicos griegos, erigieron una visión del universo que en la que se ofrecía una explicación científica y racional de él. Las teorías aristotélicas de la naturaleza, aceptadas por los árabes, despertaron en ellos un espíritu científico que les llevó a investigaciones fructuosas en el ámbito de la ciencia. Estuvieron más preocupados por la explicación científico-natural del universo que por una simple visión teológico-religiosa del mundo.

Como también recibieron en herencia doctrinas neoplatónicas, impregnadas de ideas religiosas, ese naturalismo apareció más mitigado en Avicena y no reapareció con vigor hasta Averroes. Se tratará de ver, entonces, cómo entendieron la naturaleza.

Rafael Ramón Guerrero (1948- Granada, Espanha) é Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid (1979) na actualidade é Catedrático Jubilado e Professor Emérito de Filosofia Medieval e Árabe na Universidade Complutense de Madrid, onde ensina História da Filosofia Medieval e História das Filosofias Árabe e Judia. É membro de diversas sociedades científicas: da Societé International pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, da Societé International d'Histoire des Sciences et de la Philosophie Arabes et Islamiques e da Sociedad Española de Filosofía Medieval. Publicou vários livros e numerosos artigos entre os quais se devem assinalar: *El pensamiento filosófico árabe*, *Obras filosóficas de al-Kindî*, *Al-Fârâbî. Obras filosófico-políticas*, *La recepción árabe del "De anima" de Aristóteles. Al-Kindî y al-Fârâbî*, *Avicena (ca. 980 - 1037)*, *Historia de la Filosofía Medieval*, *Averroes: Sobre filosofía y religión*, *Filosofías árabe y judía*, *Al-Fârâbî: El camino de la felicidad (Kitâb al-tanbîh 'alâ sabîl al-sa'âda)*.

ROBIGLIO, ANDREA ALDO

Naturaleza y vida en Tomás de Aquino. Notas sobre el ambiente de una antropología teológica

Il concetto di natura negli scritti di Tommaso d'Aquino è articolato su piani diversi: fisico, antropologico e teologico. La definizione del concetto non è perciò univoca. Essa si rivela legata ai distinti testi e contesti in cui Tommaso ne discute. È infatti necessario conoscere quali sono i termini nei confronti dei quali la “natura” vede determinato, di volta il volta, il proprio significato: natura vs persona; natura vs grazia; natura vs libertà; natura vs arte (tecnica); etc. La molteplicità di sensi, tuttavia, risponde ad un'area semantica frastagliata, ma comune; in molti casi, infatti, si ha l'impressione che Tommaso indichi una gerarchia di rilevanza ed una relazione precisa tra significati diversi. Concentrando l'attenzione sulla nozione tommasiana di “natura umana”, la comunicazione intende offrire una cartografia complessiva, ancorché generica, di «natura»; si cercherà inoltre di mettere in luce i contorni delle accezioni più vicine alla concezione contemporanea e scientifica di natura. Sottolineare alcuni punti di contatto e continuità tra l'idea tommasiana di natura e quella contemporanea, infine, permetterà di cogliere alcune radicali differenze tra le due.

Andrea Aldo Robiglio (1972 - Acqui Terme/Piemonte, Itália) efectuou os seus estudos em Milão e em Paris. Especializou-se em ética e em história do pensamento filosófico medieval. Doutorou-se na Universidade Católica de Milão em Maio de 2001. De 2002 a 2007 trabalhou em várias instituições universitárias europeias e norte-americanas (Nijmegen, Louvain, Fribourg, Notre Dame).

Entre Agosto de 2007 e Julho de 2009 foi bolseiro da Fundação Alexander von Humboldt, no Departamento de Filosofia da Universidade Albert-Ludwig de Fribourg em Brisgau, Alemanha, onde também ensinou Filosofia do renascimento. Também tem efectuado alguns estudos sobre Dante e sobre a tradição escolástica. Podem-se destacar as seguintes publicações: *L'impossibile volere. Tommaso d'Aquino, i tomisti e la volontà* (Milan, 2002) e *La sopravvivenza e la gloria. Appunti sulla formazione della prima scuola tomista* (Bologna, 2008). Actualmente ensina filosofia na Universidade de Groningen, na Holanda. As suas pesquisas debruçam-se sobre as raízes históricas e conceptuais (principalmente, mas não unicamente, “europeias”) das noções de “dignidade” e de “honra”.

RODRIGUES, VERA

Natura, natureza, verdade na primeira metade do século XII

No âmbito do que se tornou corrente descrever como "a descoberta da natureza" do século XII, o termo *natura* apresenta uma extraordinária polissemia. Propomo-nos, nesta comunicação, distinguir as suas principais acepções em alguns dos autores mais representativos da primeira metade do século XII. Procuraremos, muito particularmente, examinar até que ponto, nas suas ocorrências mais significativas, o termo 'natura' é susceptível de testemunhar da desarticulação entre quadrivium e trivium – ou entre o conhecimento das coisas "tal como verdadeiramente são" e a expressão e comunicação desse conhecimento –, num contexto em que uma perspectiva realista dos conteúdos do conhecimento é, cada vez menos, a única admissível.

Vera Rodrigues (1970 - Luanda, Angola) é licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto (1995), é membro do Gabinete de Filosofia Medieval desde 1993, onde iniciou os seus estudos sobre a Escola de Chartres e o naturalismo do século XII, sob direcção da Prof. Doutora Maria Cândida Pacheco. Doutorou-se em 2006 pela École Pratique des Hautes Etudes, IVe section, Paris, com uma tese consagrada a Teodorico de Chartres, sob a direcção da Prof. Doutora Danielle Jacquart. Integra várias equipas internacionais de investigação, desenvolvendo temas centrados, essencialmente, sobre filosofia natural e lógica na alta Idade Média. Tem apresentado e exposto regularmente os resultados da sua investigação em diversos colóquios, congressos e publicações internacionais. Encontra-se neste momento em pós-doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desenvolvendo um projecto intitulado "*Mathematica e philosophia* entre os séculos XI-XII".

TROTTMANN, CHRISTIAN

Roger Bacon, de la Sagesse morale ou théologique aux Sciences de la nature et retour

On a pu voir en Roger Bacon un précurseur des sciences expérimentales modernes, on s'est intéressé aussi à la manière originale dont il pense l'articulation entre philosophie et théologie. Ce sont bien là deux originalités de sa pensée. Mais il y a toujours un risque de projeter sur cet auteur du XIIIe siècle une conception moderne de la science, voire datée de la théologie. Cela est d'autant plus vrai que la position de Roger Bacon dans ces deux domaines semble contrastée sinon incohérente : d'un côté il se fait très accueillant aux nouveautés scientifiques de son temps, mais d'un autre côté il semble camper sur des positions théologiques très traditionnelles refusant en

particulier l'introduction de thèmes philosophiques dans le domaine de la théologie qu'il voudrait cantonnée à la seule étude de l'Écriture Sainte. Notre propos sera ici en nous décentrant des questions posées traditionnellement en termes de rapports entre philosophie et théologie, entre raison, expérience et foi, de rechercher un principe de cohérence de ces positions à un niveau philosophique dans la manière originale dont le Franciscain pense l'articulation entre science et sagesse. Cela nous permettra ensuite de revenir sur sa classification des sciences de la nature et sur leur rapport à la théologie.

I Science et sagesse: une articulation pratique et non d'abord spéculative

Nous l'avons montré par ailleurs, Bacon conçoit la théologie comme une discipline pratique et non spéculative. Dans sa classification des sciences philosophiques, la science architectonique est l'Éthique et non la métaphysique et c'est précisément parce qu'elle est pratique qu'elle gouverne les autres sciences. Il semble original par rapport aux deux schèmes dominants quant à l'articulation entre science et sagesse qui sont ceux d'Augustin et d'Aristote. Le nœud de cette épistémologie réside, nous allons le voir, dans le thème de l'articulation entre science et sagesse et se trouve principalement développé au début du livre VII de l'*Opus Majus* consacré à l'Éthique ainsi bien sûr que dans la seconde qui entend expliquer les rapports entre philosophie et théologie. Certes, la seconde partie précède la septième mais peut-être son enjeu apologétique certes fondamental pour Bacon lui-même risquerait-il de nous détourner de la conception proprement philosophique de cet auteur.

Si toutes les sciences contiennent en quelque sorte des principes éthiques qui les rattachent à la finalité pratique de la philosophie comme sagesse en quête du salut pour l'homme, nous comprenons qu'elles ne s'ordonnent pas hiérarchiquement d'elles-mêmes. Nous avons affaire chez Bacon à une armée de sciences, sinon en déroute, du moins en désordre, puisque ce qui les ordonnerait est d'ordre pratique et non spéculatif. Dans ces conditions, y a-t-il place chez Bacon pour une classification des sciences? Quelle place y trouveront les sciences de la nature? En quoi consiste vraiment l'originalité de l'approche baconienne de ces sciences?

II Originalité de l'approche baconienne des sciences de la nature

Cette dernière question serait peut-être celle qui trouverait le plus facilement une réponse car les *Communium naturalium* sont clairement organisées en quatre domaines. Mais pour bien

les comprendre il convient dans un premier temps de revenir sur la place qu'il leur assigne parmi les autres sciences.

1 Les sciences de la nature dans la classification Baconienne des sciences :

Elles interviennent dans des ordres différents dans ses diverses œuvres. Toutefois, c'est cette fois au début du Commentaire sur les *Communia naturalium*, que Bacon semble situer les sciences de la nature au sein d'une classification plus large. J. Hackett, après quelques autres, a fait le point sur cette classification et son originalité par rapport à celles qui la précèdent (Boèce, Hugues de Saint-Victor, les Classifications provenant des Commentateurs arabes et de leurs traducteurs), et qui la suivent (Kilwardby). Il nous semble toutefois qu'il conviendrait de distinguer un ordre de découverte, comme dirait Descartes, ou plus exactement un ordre pédagogique de progression exposé dans la première question, d'une possible reconstruction selon un ordre de perfection des sciences spéculatives.

Encore cet ordre peut-il varier. Ainsi, dans la première question du commentaire aux *Communia naturalia*, Roger Bacon propose-t-il l'ordre suivant : de la Grammaire en langue vernaculaire on passe au latin, et à la logique, ce qui fait l'objet d'un premier volume, puis aux mathématiques, recueillies dans un deuxième volume. Un troisième concerne les *Naturalia*, tandis que la Métaphysique et la morale sont réunies dans un quatrième. Or Bacon s'explique sur cet ordre qu'il juge naturel en s'appuyant sur l'autorité d'Avicenne. La métaphysique a besoin des conclusions des autres sciences, c'est pourquoi elle vient après les *Naturalia*. On comprend que de même, c'est un ordre d'exposition ou mieux d'apprentissage qui veut que l'on n'aborde les mathématiques qu'après avoir acquis les bases de grammaire et de logique.

Dans ce domaine il conviendra de revenir sur la place privilégiée donnée à l'optique et à la science expérimentale (*Compendium studii philosophiae* p. 469), dans leur rapport à la physique aristotélicienne. (Transition Frag.t Duhem, c. 8, p. 96).

III De la sagesse théologique aux Sciences de la nature et retour

Pour Bacon, il y a une sortie historique des sciences de la nature comprises «*velut in palmam*» (*Opus Maius* II, p. 36) dans la révélation scripturaire, mais il y a aussi un complément spéculatif apporté à la métaphysique philosophique par la morale chrétienne, ce que nous appelions naguère les 17 thèses baconistes (TN, p. 77). Cela vient compléter une métaphysique aristotélicienne qui se développe parallèlement à la logique (*Compendium studi theologiae*, II, 36-

37). Le recours à la connaissance expérimentale de la nature pour l'explication de l'Écriture n'est donc qu'un aspect (*Opus Minus*, p. 357), d'une articulation plus serrée entre philosophie et théologie (*Opus Maius* II, p. 69 et C. 18 p. 75)

Christian Trottmann (1955 - Lomé, Togo) est agrégé de Philosophie, docteur et habilité à diriger les recherches. Ancien membre de l'École Française de Rome, il a consacré sa thèse à la Vision Béatifique (BEFAR 289, Rome, 1995). Il a publié depuis *La voix enchantée* (Éditions universitaires de Dijon, 1998) ; *Théologie et Noétique* (Vrin, 1999) ; *La vision de Dieu aux multiples formes, Quodlibet de Guiral Ot* (édition, traduction et notes, Vrin, 2001) ; *La volonté, faiblesse ou force* (Ellipses, 2003); *Vers la contemplation* (Champion 2006); *Faire, agir, contempler, contrepoint à la Condition de l'homme moderne de Hannah Arendt* (Sens et Tonka, 2008). Il a en outre écrit une centaine d'articles. Directeur de Recherche au CNRS, rattaché au Centre d'Etudes Supérieures de la Renaissance de Tours, et ancien Directeur de Programme au Collège International de Philosophie, il enseigne à l'Université de Bourgogne.